Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano XI • n. 340 • Uberaba/MG • Março de 2008

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

Cultura privada

Portas de banheiros viram centrais de comunicação popular

págs. 8 a 11

Barrados nos "States" A história de um uberabense que cruzou a fronteira dos EUA págs. 12 a 14

issuu-downloader.com

●●● Carta ao leitor

Da privada para as manchetes internacionais

Marcelo Lara
3º período de Jornalismo

A força da comunicação não depende do veículo, mas sim, da criatividade. Quem não se lembra do polêmico Romário, que mandou fazer duas caricaturas na porta do banheiro do extinto *Café Gol*, no Rio de Janeiro, de propriedade do próprio baixinho? Naquela época, ele estava revoltado por ter sido cortado na copa de 1998. Assim, nos desenhos do banheiro apareciam o Zico, com o papel higiênico na mão, para limpar o serviço do Zagallo, que estava sentado no vaso sanitário. Só para lembrar: eles foram os principais responsáveis pelo corte de Romário. Esse desabafo privado acabou saindo do banheiro do bar, ganhou a imprensa internacional e terminou na justiça. Por fim, o jogador – que ainda insiste em continuar a carreira – teve que pagar uma indenização pela repercussão dos desenhos...

Recentemente, a *Discovery Channel* realizou um marketing muito interessante para anunciar um programa sobre as profissões mais sujas do mundo. Eles fizeram uma divulgação em banheiros públicos e utilizaram papel higiênico para a impressão de fotos e textos. Tudo isso é para dizer que os banheiros públicos se tornaram privilegiados centros de comunicação no mundo conteporâneo.

Reprodução

Caricatura de Zagallo no banheiro do Café Gol causou polêmica internacional e mostrou a força da comunicação de banheiro

No entanto, é claro que o que mais se encontra nos banheiros é a expressão de desejos e vulgaridades populares, pois as portas desses ambientes se transformaram em uma espécie de "MSN" no qual uma pessoa escreve e, tempos depois, outro usuário reponde. E assim, a comunicação pelos banheiros ganha dinamismo e eficiência na difusão da "arte" e da cultura popular, como veremos nas reportagens centrais desta edição.

Se pensarmos bem, ao falarmos de arte e cultura, temos que começar pela agricultura, a arte de cultivar o campo. Um agricultor de Uberaba, conhecido como João Foguete, certa vez colocou a seguinte placa em sua propriedade: "A arte do trabalhador rural mantém viva as outras artes." Ele explica que a Monalisa não existiria se Da Vinci não fosse alimentado, nem Romário teria feito o milésimo gol se estivesse mal-nutrido. E já que estamos falando de comunicação em portas de sanitários, é interessante lembrar que, depois de uma boa refeição, voltamos ao banheiro e a cultura e a comunicação seguem o seu curso...

Fábrica 2008: o jornalismo pertinho de você

Da redação

O programa Fábrica reiniciou em março mais uma temporada. Há 5 anos no ar na TV Universitária, canal 7, o programa faz semestralmente um rodízio na sua programação e apresentação.

Nesta estapa foram selecionados como apresentadores os alunos de jornalismo, Diego Bartelli (6º período) e Fernanda Rezende (3º período). Junto com toda a equipe de produção composta também por alunos e técnicos, eles se encarregam de levar ao ar em todos os sábados, às 18 horas, entrevistas e reportagens que retratam de uma forma peculiar o cotidiano de nossa cidade.

Na programação o destaque fica por conta dos documentários premiados produzidos pelos alunos do curso da Uniube.

Agência Portfólio desenvolve três novas campanhas

Andreia Rosa de Carvalho
Agência Portfólio

Atualmente, a Portfólio (Agência experimental de Comunicação da Uniube) desenvolve três trabalhos. O primeiro, solicitado pela Prefeitura do Campus, consiste em várias peças para conscientização do público acadêmico em relação a higiene, vandalismo e economia de energia dentro da universidade. A campanha produzirá tirinhas em quadrinhos para o Jornal Revelação, outdoors, crônicas, blogs, adesivos, banners e palestras. A agência trabalha, também, com parte da elaboração da campanha para a Uniube Aberta, um grande evento realizado na instituição para apresentar os cursos aos estudantes secudaristas. Por fim, os alunos desenvolvem um trabalho com a ACD (Associação de Crianças Deficientes). A associação trabalha com o atendimento de pessoas com deficiência mental, entre 16 a 52 anos. Com mais freqüência são atendidas pessoas com síndrome de Down. A agência está empenhada na confecção dos convites e cartazes para o jantar de apresentação da nova chapa eleita (Renovação) e que trará inúmeros benefícios para a entidade.

Neuza das Graças

Portfólio conta com equipe de alunos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiárias (diagramação e edição): Camila Cantóia Dorna e Marília Cândido Lopes ••• Revisão: Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nene Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• E-mail: revela@uniube.br ••• http://revelacaoonline.uniube.br

issuu-downloader.com

De aluno rebelde a estudante prodígio

Sérgio Moreira Junior cursa Medicina e Direito na Uniube ao mesmo tempo e se destaca nos dois cursos

Marília Cândido
3º período de Jornalismo

Marília Cândido

Sérgio já participou de 11 grupos de estudo, foi monitor de Anatomia e faz parte da comissão de formatura de Medicina

Sérgio Moreira Júnior sempre foi um bom aluno. No ensino médio gostava de todas as matérias, só não tinha muita simpatia por biologia. Ele lia clássicos porque achava bonito dizer isso aos outros e se orgulha de ter sido o único aluno na turma da sexta série a ler toda a série *O tempo e o vento,* de Érico Veríssimo. Sérgio sempre exerceu muitas atividades: fazia inglês, informática, tocava saxofone e era presidente da União das Crianças Presbiterianas em sua cidade natal, Ituiutaba. E desde pequeno cultiva o hábito de ler a Bíblia todos os dias pela manhã.

No segundo e terceiro ano do ensino médio, o garoto prodígio passou por uma fase meio rebelde. "Eu achava que os professores não sabiam nada, que eles tinham que estudar de novo e que eu não precisava de saber o que eles queriam." Foi aí que resolveu fazer um acordo com eles: Sérgio não iria mais às aulas, mas estudaria em casa e os professores não dariam falta pra ele. Alguns não aceitaram. "Tem uma professora que não me cumprimenta até hoje." Mas a maioria colaborava. "Eu era meio custoso, sabe? Dormia dentro de sala..." Ele conta que, uma vez, cochilou dentro de um armário no colégio, de tão entediante que eram as aulas.

No último ano do ensino médio ele fez inscrições para alguns vestibulares de Engenharia, que era o que sempre tinha pensado em fazer. Até que, em setembro, sem mais nem menos, ele mudou de idéia: resolveu prestar para Medicina. Ficou esperando ser chamado até abril do outro ano, quando ficou sabendo do programa do governo, o Prouni. Assim, de última hora se inscreveu para o curso de Medicina na Universidade de Uberaba.

Sérgio acabou sendo aprovado e ganhou a ajuda de custo do governo para se manter. Mas o inquieto estudante queria mais. Assim, no segundo período do curso, influenciado por parentes, ele decidiu prestar vestibular para Direito. O pai e os tios já haviam feito este curso e o irmão ainda faz, em Ituiutaba. E não é que Sérgio passou em primeiro lugar e, por isso, ganhou da Uniube a bolsa de 80%? Mas o espantoso é que Sérgio não largou o curso de Medicina: ele decidiu fazer os dois ao mesmo tempo. Sua mãe ficou "um pouco brava", não por ele querer fazer duas faculdades ao mesmo tempo, mas porque ele inventou de fazer Administração à distancia também... Mas não deu certo, e ela ficou mais calma.

Direito e Medicina

Cursando simultaneamente o primeiro período de Direito e terceiro de Medicina com boas notas em ambos os cursos, a situação de Sérgio apertou um pouco, mas não porque fosse difícil conciliar os dois cursos. "A carga horária de Medicina não é tão ampla quanto algumas pessoas pensam. Ela gira em torno de sete horas por dia. Então, acaba que é uma carga horária menor do que a de muitas pessoas que trabalham". Para Sérgio, o que dificulta mesmo são as atividades extraclasses. Ele participava de onze grupos de estudo, era monitor de Anatomia e fazia aulas de francês. Esse semestre, está mais tranqüilo, pois a escola de francês não tinha um horário compatível com o dele. Mesmo assim, Sérgio ainda promove palestras em parcerias com professores pelo PAE, faz parte da comissão de formatura de Medicina, está tentando entrar em ligas médicas e elaborando um projeto de iniciação científica.

Aluno de Medicina, Sérgio prestou vestibular para Direito e ficou em primeiro lugar. Resultado: ganhou bolsa de 80% e, agora, ele é aluno dos dois cursos

Sérgio não faz aquele estereótipo de cara inteligente, que vive isolado e não tem tempo para se divertir. Nos corredores da faculdade conversa com todo mundo. A única reclamação dos colegas é que ele não passa cola na hora das provas. Eles também se reúnem para estudar depois das onze da noite e aproveitam para fazer um churrasco, jogar cartas, *videogame* e sinuca. Aos domingos, sempre que pode, vai a Igreja Presbiteriana pela manhã e pela noite. Além disso, a cada quinze dias ele se encontra com uma estudante de Direito em Uberlândia, com a qual namora há quase dois anos. Os encontros são assim: ou ela vem para Uberaba ou ele vai para lá. No outro fim de semana eles se encontram em Ituiutaba, onde Sérgio dá aulas particulares para ajudar nas despesas.

Sérgio pensa em se especializar em cirúrgicas, sendo que as áreas que mais lhe interessam são neurocirurgia e plástica. Ele ainda não tem certeza se vai praticar Direito – e nem mesmo se vai conseguir levar o curso até o final, pois nos quatro últimos períodos é preciso fazer um estágio, sendo que, em Medicina, também há um período intenso de plantões. Mas ele quer mesmo é estudar e, por isso, prefere não pensar nisso agora. Como ele mesmo diz, por enquanto está tudo indo muito bem, obrigado.

issuu-downloader.com

RPG, uma ferramenta valiosa na educação

Jogo incentiva a leitura e aflora a imaginação na hora de escrever

Pollyana Oliveira Lopes
3º período de Jornalismo

Pollyana Oliveira Lopes

Jogadores de Role Playing Game *precisam aliar estudo e criatividade para desenvolver boas histórias*

O RPG (*Role Playing Game*) que significa Jogo de Interpretação de Papéis, surgiu nos Estados Unidos em 1974. Dave Arneson e Gary Gygax inspirados no livro *O Senhor dos Anéis*, lançaram o primeiro livro de regras atualmente o mais jogado: *Dungeons & Dragons*, mais conhecido como D&D.

O RPG é um jogo de estratégia e imaginação onde existe um mestre e os jogadores. O mestre é o responsável pelo desenrolar da narração: é ele quem cria a aventura e todos os desafios e obstáculos que os jogadores têm de enfrentar para alcançar seus objetivos. Os jogadores, por sua vez, criam uma personagem, se juntam a grupos e viajam juntos lutando por um mesmo objetivo.

Mas o RPG não é apenas um jogo voltado para o lazer. Ultimamente ele tem sido adotado como ferramenta pedagógica nos mais diversos centros de ensino do Brasil. E o jogo ainda tem sido discutido nas universidades. O que os educadores buscam no jogo é interação, incentivando os alunos a participar, buscar conhecimento, ter prazer na leitura e na produção de textos.

Um dos maiores problemas na área educacional tem sido o baixo desempenho na leitura e conseqüentemente na escrita. Este problema vem preocupando os pais e os educadores. Os estudantes que chegam à universidade são carentes de leitura e não elaboram bons textos. Esta situação tem origem no ensino médio, onde os alunos se vêem obrigados a ler livros que cairão no vestibular, em vez de ter uma relação prazerosa com a literatura. Este contato forçado com os livros faz do que poderia ser um universo maravilhoso, um verdadeiro pesadelo.

O RPG como ferramenta de ensino traz a interdisciplinaridade – ou seja, uma única aventura pode abordar várias áreas do conhecimento. Podemos citar como exemplo as matérias de História, Geografia e Biologia. E onde elas entram no RPG? A resposta é fácil. Vamos imaginar uma aventura onde no grupo de personagens existe um caçador e um mago curandeiro. Os conhecimentos de Botânica serão muito úteis para o mago, e será essencial para o caçador entender de Ecologia.

No caso da História, há na narrativa a época em que ocorre a aventura: por exemplo, época Medieval, Pré-histórica, entre outros. A localização das personagens na história e as atividades humanas do cotidiano histórico podem ser inclusas em Geografia.

O estudante Jorge Cândido Araújo, conta que sempre teve muita dificuldade na escola. Não gostava muito de ler e estudava apenas para agradar os pais. Há um ano, o adolescente entrou em contato com o RPG e confessa que, hoje em dia, estudar se tornou mais agradável, pois o jogo o incentivou a ler livros, ir em busca de conhecimentos científicos e históricos. "Eu quero estar sempre por dentro de tudo nos jogos; por isto, hoje estudo não com intenção de passar de ano e obter boas notas, mas sim, por diversão".

Para o universitário Roney Giovanni Mota, que narra RPG há 11 anos, o jogo é uma ferramenta essencial nas salas de aula por ser uma forma agradável de se introduzir certos conteúdos de "difícil digestão". Roney fala também sobre a campanha negativa que o jogo recebe das pessoas. "Acredito que está na hora da sociedade assumir uma postura nova diante de um *hobby* tão benéfico". O universitário frisa que um jogo de faz de conta tem sido muito mais atacado negativamente e questionado pelas autoridades que um massacre entre torcidas de futebol.

Roney deixa um conselho aos pais "Acompanhem a vida de seus filhos, interessem por seus jogos, suas histórias, porque os desvios de crianças e jovens muitas vezes residem na total falta de atenção que a criança precisa para se sentir amada".

O RPG como ferramenta de ensino traz a interdisciplinaridade, ou seja, uma única aventura pode abordar várias áreas do conhecimento.

Em meio à esta discussão sobre os benefícios do RPG, há os que acham o jogo violento e ligado à rituais maléficos de satanismo e bruxaria. Estas pessoas afirmam que o jogo transfere a violência e o ocultismo para a vida real. E muitos religiosos costumam ter uma aversão bastante forte contra este tipo de atividade.

Para o evangélico João Ribeiro, o RPG é coisa do demônio. "Onde já se viu criar demônios e bruxos e encarnar estes personagens?" Segundo João, isto é completamente prejudicial ao psicológico de crianças e jovens e a influência ocultista do *game* pode, como conseqüência, trazer confusão espiritual e, em casos extremos, colocar o jogador em contato com a atividade demoníaca.

Mas para Roney, os jogadores têm noção de que o jogo é uma fantasia e que aquelas criaturas são, na verdade, mitos que contribuem para a compreensão da cultura humana. Para ele, o RPG só tem a oferecer coisas boas e de grande aproveitamento. "O importante é que a liberdade de escolha e de opinião sempre prevaleça."

issuu-downloader.com

A "música instrumental jazzística" com sotaque brasileiro

Quando a improvisação converte-se num diálogo entre instrumentistas

Maria Camila Osório
3 período de Jornalismo

Os olhares se entrecruzam como os sons dos instrumentos. Os três músicos instrumentistas estão ali, no bar Arquimedes conhecido por ser freqüentado pelos intelectuais. Outros quatro se encontram no café do teatro SESI Minas. Talvez os sete não se conheçam, mas o importante é a linguagem musical que deles emana.

Uma linguagem que, com sotaques diferentes, quer chegar ao mesmo objetivo: dar a conhecer ainda mais em Uberaba essa cultura da música instrumental, que eles preferem não chamar propriamente de *jazz*.

Cada músico, no seu instrumento, e do seu jeito, vai contando um caso na hora da improvisação. É como um papo entre amigos onde cada um intervém de acordo com o seu pensamento, com seu sentimento. E neste caso, são os acordes, os ritmos e a emoção da música que faz cada improvisação única.

A essência da alma permeia o sentido objetivo por meio dos matizes sonoros com beleza, equilíbrio, harmonia e natureza; sintetizando emoções numa improvisação esteticamente única, onde o sentimento do prazer faz belo o exagero dos contrapontos melódicos e reflexivos da arte própria do indivíduo.

Toda essa atmosfera de diálogos melódicos fazem parte do cotidiano de Uberaba com uma maior força desde o ano 2000. Atmosfera que continua na conquista de um público maior através da difusão da cultura.

Segundo Carlos Valeriano, integrante do grupo de "jazz" *Quarteto Feito Aqui*, essa formação dentro deste tipo de música foi feito no bar *Arquimedes,* que abriu as portas à variedade cultural. Os integrantes do grupo que começaram nesse sonho de mostrar o que se estava produzindo em Uberaba na época são Carlos Valeriano, Fernando Borges, Ricardinho Moraes e Alex.

A pessoa que incentivou todo o pessoal a experimentar neste campo foi o saxofonista Zeca, que veio do Rio de Janeiro, esteve durante três anos em Uberaba e, nesse período, compartilhou toda essa bagagem da música instrumental.

A estética do improviso

Depois do lampejo melancólico do sax junto a base sempre contínua, mas importante do baixo; dos acordes harmônicos do violão e do ritmo cadencioso da bateria, o *Quarteto Feito Aqui,* composto por Josué de Sousa (sax), Kelvi Balbino (bateria), Carlos Valeriano "Neca" (violão) e Daniel Amâncio (baixo) falam do *jazz* e da sua vivencia.

Para Carlos, no *jazz* o músico toca um tema e desenvolve a harmonia até criar outra música. Isso se conhece como improvisação. Poderia se dizer que é uma composição sobre outra composição.

Maria Camila Osório

Josué de Souza, do Quarteto Aqui, na primeira apresentação no TEU

Para Kelvi, a interpretação de um brasileiro nunca vai ser igual à de um americano. "É uma coisa assim, você pega um americano que toca jazz muito bem... depois você pega os caras tocando bossa-nova, tocando samba... eles podem tocar muito bem mas eles não podem falar assim: *Nós tocamos samba pra caramba perto de um brasileiro...* o brasileiro nasce tocando samba ... então é questão de linguagem também. Não que não existam músicos brasileiros que não tenham o mesmo nível... mas é diferente um brasileiro tocando *jazz* de um americano tocando jazz... no americano é natural, é genético".

> *No* jazz, *o músico toca um tema e desenvolve a harmonia até criar outra música. Isso se conhece como improvisação. Poderia se dizer que é uma composição sobre outra composição.*

De uns anos para cá a cultura musical instrumental tem crescido bastante. Até no Shopping Uberaba o público pode encontrar música instrumental jazzística brasileira ao vivo, dependendo do dia.

O Quarteto se apresentou pela primeira vez no Teatro Experimental de Uberaba (TEU) em 2007. Isto é uma prova que tanto o *Quarteto* como *Fernando Borges Trio* continuam na procura de experimentação não só na música, mas também nas formas de difundir essa música. E para eles, essa possibilidade de fazer música de qualidade com liberdade é o mais importante. "Resumindo... a gente quer é tocar independente do profissional, do econômico, a gente quer fazer um som que agrade a gente". Disse Carlos.

issuu-downloader.com

Consumo e sou consumido

A liberdade de escolha no século 21 virou mais um produto descartável

Michelle Parron
3º período de Jornalismo

A indústria da moda arrecada bilhões por todo mundo. Ela impera na televisão e influencia milhares de consumidores vulneráveis e sedentos pelas últimas tendências ditadas por ela. Algumas pessoas conseguem administrar bem a moda em suas vidas; já outras não enxergam o quanto isso pode ser uma armadilha para o consumismo descontrolado.

A ex-empresária do ramo de cereais, Evair Campos, tem loucura por vestidos. Ela afirma que basta passar por uma vitrine e ver um modelo bonito para querer adquiri-lo imediatamente. "Quando eu vejo um vestido e, na hora, estou sem dinheiro para comprá-lo, fico com aquilo na minha cabeça, martelando o tempo todo, até que eu consiga o dinheiro e compre. Enquanto não compro, fico rezando pra que ninguém compre na minha frente." A ex-empresária garante que a sua reza sempre dá certo. Evair é uma consumidora que gasta além do que pode. Mas ela reconhece ser uma consumista e que precisa curar o vício.

Evair não é a única. São vários casos de pessoas que se encontram imersas em uma cultura consumista, estimulada na atual fase do capitalismo. O consumismo, também chamado de "onemania", é uma doença que se caracteriza pelo ato de comprar indiscriminadamente bens supérfluos pelo simples fato de sentir a necessidade de tê-los, sem que posteriormente se faça uso dessas aquisições.

O consumista é um sujeito que, sustentado pelo ato de comprar, tenta suprir a carência de algum sentimento. Muitos consumistas não se vêem como pessoas doentes que necessitam de acompanhamento psicológico. Para eles, assim como para grande parte da sociedade, consumir desenfreadamente é algo tão natural que chega a ser visto como uma virtude positiva.

O diretor de criação Diogo Paiva já é um caso diferente de consumo. Ele acredita que tem verdadeira necessidade de adquirir roupas de grifes famosas. "O preço da roupa agrega algum valor simbólico, que faz com que nos sintamos melhor ao possuir determinados produtos". Ele confessa que está sempre no limite no banco por gastar mais do que o necessário, adquirindo roupas de marcas. "Sou infeliz por não ter tudo que quero da moda. Se eu ganhasse mais gastaria mais." A explicação para isso, diz Diogo, é que ele freqüenta lugares que exigem que esteja vestido com muitos cifrões. A roupa, na sua visão, funciona como passaporte de entrada em determinados círculos sociais. "Quando era mais novo, eu ganhava um salário e cheguei a comprar um tênis de dois salários. Dois meses por um tênis!"

"Quando era mais novo, eu ganhava um salário e cheguei a comprar um tênis de dois salários. Dois meses por um tênis."

Foto: Michelle Parron

Arranjos de vitrines em shoppings centers são iscas irresistíveis para consumidores compulsivos

Indústria cultural

Esse tipo de comportamento é comum numa sociedade guiada pela ditadura da indústria cultural. Através de insistentes mensagens publicitárias, a mídia praticamente ordena o que você come, veste e assiste. Ela cria nas pessoas, através da publicidade, um sentimento de vergonha e inferioridade caso elas não possuam o último celular da moda ou os sapatos da grife da qual a atriz da novela é garota propaganda. E como ninguém quer se sentir inferior em relação aos outros, as pessoas imediatamente correm até a loja mais próxima para abafar essa sensação de vergonha.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria o consumismo afeta 1% da população mundial. O que a indústria do consumo faz é criar uma aura nos objetos ao ponto de sas pessoas se sentirem melhores ao possuí-los. E quando as pessoas são privadas de tê-los, sentem-se excluídas, frustradas, depressivas e infelizes. Enquanto pensamos que estamos consumindo, na verdade somos consumidos pela Indústria Cultural que, de acordo com filósofo Theodor Adorno, impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. O homem, na Indústria Cultural, não passa de mero instrumento de trabalho e de consumo, ou seja, um objeto, afirma Adorno.

O que a indústria do consumo faz é criar uma aura nos objetos, ao ponto de as pessoas se sentirem melhores ao possuí-los. E quando os consumidores são privados de tê-los sentem-se excluídos, frustrados, depressivos e infelizes.

Logo, cria-se uma falsa necessidade, através dos comercias de televisão, que impulsionam as pessoas a gastaram sem precisarem. E com isso a propaganda atinge seu objetivo primordial: vender.

Maria Elvira é professora e apaixonada por sapatos. O motivo dessa paixão vem da infância. "Quando eu era criança e morava na fazenda não tinha condições de comprar sapatos". Assim, quando ficou adulta começou a comprar muitos calçados. Maria Elvira não tinha controle nos gastos que fazia. Assim como Evair e Diogo, ela também já gastou mais do que podia fazendo compras. Mas chegou certo momento que ela, através de ajuda espiritual, viu que há coisas mais importantes e de maior prioridade na vida. Hoje ela afirma ter melhorado 90% e que não é mais uma pessoa consumista.

Na verdade, o ato de consumir não é, por si só, condenável. Basta que se tenha equilíbrio e consciência na hora de abrir a carteira. Em alguns países, como nos Estados Unidos – a nação mais consumista do planeta – existem grupos de auto-ajuda para pessoas que sofrem com o consumismo. Esses grupos surgiram em 1968 e são chamados de Devedores Anônimos, tendo a mesma função dos Alcoólicos Anônimos, por exemplo. Atualmente, somam mais de 500 grupos espalhados pelo mundo todo. No Brasil, o primeiro grupo foi criado há 9 anos; porém, não existem estatísticas oficiais a respeito do número total de consumistas no Brasil.

Campanhas não faltam para conscientizar as pessoas do risco do consumismo. Os Adbusters, um grupo que pratica ativismo a favor de uma mídia mais inteligente e de uma sociedade menos consumista, criou o *Buy Nothing Day* (adbusters.org/metas/eco/bnd), ou seja, o Dia de Não Comprar Nada. Nesse dia, comemorado todo ano no final do mês de novembro, os cidadãos são desafiados a desligarem-se do consumismo e fazer uma reflexão sobre suas reais necessiddaes de adquirir produtos.

O primeiro passo para que a pessoa consiga amenizar o seu impulso consumista é se aceitando como tal. Se ela percebe que está passando dos limites, como por exemplo, deixando o saldo no banco negativo todo mês, gastando mais do que seu orçamento permite, já é a primeira etapa do tratamento.

issuu-downloader.com

Gordos porque querem

Por falta de tempo ou por preguiça, consumidores abusam de *fast food* e provocam, em si mesmos, graves problemas de saúde

Fernanda Rezende
3º período de Jornalismo

Há alguns anos, por necessidade, falta de tempo ou por opção, uma grande parte da população acabou aderindo aos lanches rápidos, mais conhecidos como *fast-food (comida rápida) ou junk food* (comida-lixo). No entanto, o cardápio oferecido por essas redes de lanchonetes não mais "permite" as combinações saudáveis da culinária caseira. Assim , muitas refeições que eram primordiais, como por exemplo, o almoço e o jantar, hoje são trocados por sanduíches, salgados ou por aquela porção de batata frita – alimentos repletos de gorduras, açúcar, sódio e sal.

A comerciante Marilene da Silva, 46, é totalmente adepta ao novo cardápio: frequentemente acaba trocando o almoço por um lanche rápido. "Sei que não é certo. Como fora de hora e minha alimentação é irregular, mas não tenho tempo para fazer uma alimentação correta."

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue dos Estados Unidos (NHLBI), verificou-se que as pessoas que se alimentavam mais de duas vezes por semana em redes de *fast-food* tiveram um aumento de peso de, em média, 4,5 quilos a mais do que os que costumavam ir menos de uma vez por semana. A pesquisa identificou ainda que os homens freqüentam mais restaurantes de *fast-food* do que as mulheres.

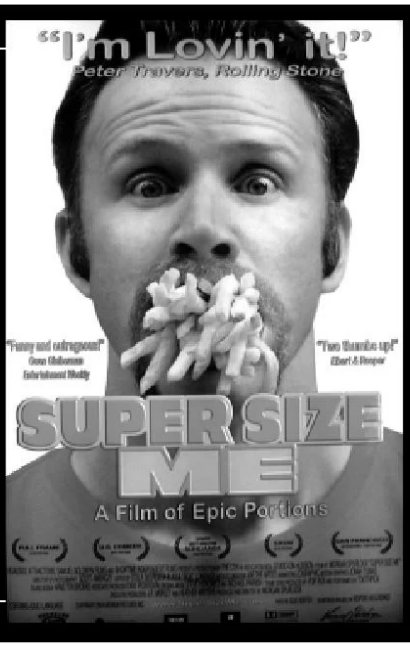
Por exemplo, o encarregado de caldeiraria, Fernando Elias Ribeiro, de 44 anos, mesmo sabendo como ter uma alimentação saudável, mantêm há anos um cardápio rico em carboidratos e gorduras. Fernando alega que faz apenas três refeições diárias e, todas as noites, o jantar é feito de *fast-food*. Já chegou até a substituir o almoço por uma coxinha com catupiry, salgado que mais gosta.

"Considero minha alimentação falha, como muita coisa que não deveria comer. Tenho condições de ter hábitos saudáveis, mas não tenho, por preguiça. Eu sei o que estou comendo, mas às vezes a gente nem liga, opta sempre pelo mais fácil."

É preciso que as pessoas tenham consciência de que, mais dia menos dia, a má alimentação terá reflexos bastante claros na saúde. Muitas doenças graves da meia idade poderiam ser evitadas simplesmente através de uma alimentação saudável no decorrer da vida. O autônomo José Dornelas, de 50 anos, convive há três anos com problemas de colesterol e triglicérides. Ele afirma que quase sempre fazia uso de lanches rápidos até detectar o problema.

"Eu não me controlava, comia sempre fora de hora e sem noção. Já cheguei a consumir três salgados e uma Coca de 600ml em uma só refeição. Era exagerado, não tinha controle e hoje estou com os meus 115 kg e proibido pela nutricionista de fazer uso de fast-food. Eu tive que escolher: os lanches ou minha saúde. Optei por mim, é claro."

O documentário *Super Size Me*, do diretor americano Morgan Spurlock, é um exemplo do que pode acontecer com as pessoas que insistem diariamente em manter maus hábitos alimentares. Em clima de *reality show*, o filme mostra o próprio autor da reportagem comendo exclusivamente *fast-food* (Big Mac, batata frita e refrigerante) durante um mês. Spurlock ganhou 11 quilos, enxaquecas e dores de estômago. O filme tornou-se um dos recordistas de bilheteria e está disponível nas locadoras.



Sanduíches naturais

A nutricionista Daniela Minaré Fonseca, especialista em Obesidade e Emagrecimento pela Universidade Veiga de Almeida e especialista em Interdisciplinaridade em Terapia Nutricional pela Universidade de Uberaba, e que atualmente trabalha no serviço de Nutrição e Dietética do Hospital Escola, afirma que o ideal é diminuir a freqüência com que esses alimentos são consumidos. Se não for possível, as pessoas devem dar preferência aos sanduíches naturais, aqueles que possuem legumes como alface, tomate. Os lanches assados também são uma boa opção.

Já cheguei a consumir três salgados e uma Coca de 600ml em uma só refeição. Hoje estou com os 115 kg e proibido de fazer uso de fast food.

Daniela ressalta que o catchup e a maionese não devem ser utilizados, pois são ricos em gorduras. E o refrigerante deve ser substituído por água ou suco natural de frutas. "Se você não pode fazer sua refeição em casa, procure restaurantes *self service*, pois assim pode optar por alimentos mais saudáveis, como saladas, legumes cozidos, carnes magras, etc. Não utilize molhos industrializados e consuma frutas no lugar de doces na sobremesa", aconselha a nutricionista.

Daniela Minaré defende que devemos dispensar uns minutos do nosso dia, para se ter uma alimentação equilibrada, saborosa e prazerosa ao mesmo tempo. Certamente essa atitude de hoje evitará problemas futuros, como a obesidade e as doenças cardiovasculares.

Higiene nos lanches rápidos

Marília Penna Macial, zootecnista que atua na área de inspeção de alimentos da Vigilância Sanitária de Uberaba, alerta aos consumidores dos lanches rápidos que a higiene deve ser sempre observada com muito cuidado. Segundo ela, o consumidor tem de prestar atenção em como os alimentos são manipulados, se os funcionário do estabelecimento utilizam uniformes, prendem os cabelos, e se o ambiente está limpo e propício para atender bem os clientes. O ideal é que o estabelecimento faça uso de sachês e copos descartáveis. Caso não siga os padrões estabelecidos pela Vigilância Sanitária, o consumidor pode fazer uma denúncia, comunicando as irregularidades pelo telefone (34) 3325-4300. Marília alerta que uma boa higiene na hora dos preparos dos alimentos evita perturbações graves à saúde, como a salmonela, diarréia, vômito e até uma intoxicação alimentar.

issuu-downloader.com

A gazeta do sanitário

Portas de banheiros femininos viram central de recados, fofocas e classificados amorosos...

Maria Gabriela Brito
3º período de Jornalismo

Para nós, mulheres, ir ao banheiro em lugares públicos é um problemão, já que não fomos abençoadas com o dom de fazer xixi em pé e, por isso, temos que ficar nos equilibrando como atletas olímpicas em cima do vaso sanitário. No entanto, uma visita ao toalete também pode ser divertida, principalmente quando esse banheiro é freqüentado por estudantes. Os jovens têm uma irresistível mania de escrever na porta desses locais e, talvez inspirados pelo momento tão especial, deixam registradas diversas mensagens pessoais, reflexões filosóficas ou mesmo fantasias eróticas...

Na verdade, há milhares de anos o hábito de escrever em paredes já faz parte da natureza humana. Os homens das cavernas já faziam isso, como forma de registrar acontecimentos cotidianos e invocar os deuses da natureza. O jovem do século 21 apenas atualizou o hábito e procurou uma forma mais sigilosa de expressar seus sentimentos – já que ali, naquela porta, ninguém nunca saberá quem escreveu o quê...

Entrar em uma cabine de banheiro e se deparar com um rascunho tosco de um órgão sexual masculino grafitado na porta já faz parte da rotina de qualquer usuário de banheiros públicos do planeta. E evidentemente, também é muito comum avistar uma seta puxada do desenho com a palavra "*eca*". E é interessante observar que, dependendo do lugar, os assuntos variam bastante. Nas cabines do banheiro feminino do Bloco J da Uniube, por exemplo, os grafitos que mais aparecem são com assuntos sobre homossexualidade. Certamente um sintoma da presença de movimentos gays no pedaço. Nos banheiros do bloco de Direito, certa vez alguém escreveu: "O despachante é o advogado que deu errado. Deus é o que deu certo". Segundo um professor da Uniube, no banheiro da Faculdade de História da Unesp tem uma mensagem assim: "Jesus é o Senhor... feudal".

Lívia Zanolini, estudante de jornalismo, diz que grafitar no banheiro é uma maneira legal de se expressar. Mas apesar disso, ela acredita que as pessoas que escrevem em portas de sanitários têm vergonha de mostrar quem são. "Elas escrevem lá, mas em um grupo maior de pessoas, se escondem, têm vergonha de revelar sua verdadeira identidade, são hipócritas." Ao contrário dela, a colega Renata Vendramini acha essa prática ë "constrangedora" e ao mesmo tempo "ridícula", pois, para ela, a maioria das coisas que estão escritas lá são pornográficas. "Você vai lá pra fazer seu xixi e é obrigada a ler coisas inconvenientes".

Entrar em um banheiro e se deparar com um rascunho tosco de um órgão sexual masculino grafitado na porta faz parte da rotina de qualquer usuário de sanitários públicos do planeta.

Uma estudante do curso de Agronegócios que preferiu não se identificar acha que o grafite de banheiro é uma forma de expressão totalmente inútil. Ela dá como exemplo as meninas que perdem seu tempo escrevendo coisas do tipo "Eu amo o Lucas", ou algum outro sujeito qualquer. "O Lucas nunca vai ler isso! Está escrito na porta do banheiro feminino!", ironiza a estudante. Ela conta outras coisas engraçadas que já viu: "Uma vez eu li: 'Eu vou voltar no dia 29/02/2008 às 21:30 para te matar'. Até olhei no relógio pra saber que dia e que horas eram!" (risos).

Segundo um estudo desenvolvido na USP pelas psicólogas Renata Plaza Teixeira e Emma Otta, as inscrições feitas em lugares públicos não podem ser consideradas simplesmente uma mensagem "sem sentido" ou apenas um ato de vandalismo. A porta do banheiro é uma oportunidade para que a pessoa tenha passe livre para se expressar da forma que quiser. As pesquisadoras argumentam que existe diferença de gênero e até de cultura na hora de grafitar no banheiro. Outros pesquisadores já compararam inscrições produzidas em banheiros masculinos dos Estados Unidos e das Filipinas

issuu-downloader.com

Usuários não devem acreditar nas "propagandas" nas portas. Com certeza são "brincadeiras" de amigos, desafetos ou, talvez, uma vingança de ex-namorada.

e constataram que a alta porcentagem de grafitos de conteúdo homossexual nos Estados Unidos reflete o elevado grau de conflito relacionado à homossexualidade naquele país.

E quem limpa essa bagunça?

Para falar de grafites de banheiros, não podemos deixar de consultar a opinião de um grupo muito especial – provavelmente, formado por pessoas que mais convivem com os escritos: estamos falando das zeladoras. São elas que mantêm a organização, a higiene dos sanitários e, é claro, que tentam limpar os rabiscos das portas. As zeladoras que cuidam dos 32 banheiros da Uniube confessam que não prestam mais atenção nas mensagens. "É tanto rabisco, coisas pornográficas escritas, que já até acostumei". Dizem ainda que até entendem porque as pessoas escrevem ali: "É uma forma de desabafar, talvez seja carência, falta de amor, uma forma de colocar a raiva pra fora. A gente até tenta apagar, mas não vence, é só apagar que escrevem de novo". Quando é perguntado a elas quais banheiros são "piores", não hesitam e concordam que são os do Bloco N; entretanto, lembram que o banheiro da biblioteca também não fica atrás, por ser muito freqüentado.

Telefones

Além de desenhos, mensagens, recadinhos e tudo o mais que é possível ser encontrado na porta de um banheiro, também existem diversos números de telefones convidando o leitor para mil e uma aventuras. Em geral, alguns fazem propaganda de programas sexuais e outros só procuram safadezas sem compromisso. E se você, leitor, sempre teve a curiosidade de ligar para esses números, mas lhe faltou coragem, a reportagem do **Revelação** fez o trabalho sujo para você. Nós entramos em contato com vários números grafitados nas portas de banheiros e conversamos com as pessoas donas dos celulares. Os resultados foram incrivelmente engraçados.

Primeiramente, todos os telefones que estavam rabiscados no banheiro feminino pertenciam a homens. Mas o mais curioso é que nenhum deles tinha a menor idéia de que os números de seus celulares estavam escritos em portas de banheiro. Ao serem informados que seus nomes estavam circulando anunciando programas eróticos, todos ficaram surpresos. Alguns foram até educados ao receberem a ligação com reações do tipo "O queeeee?!?!?". Outros não deram muito papo e alguns ficaram chocados: "Do que você está falando?!". Um dos telefones estava desligado e o único número de telefone fixo era de um orelhão. Uma pessoa que atendeu uma das ligações disse que o número não era dele, mas sim de um lavador de batatas, que não podia atender porque estava lá, "lavando batatas"... Vai entender...

A partir daí, chegamos a uma conclusão: os usuários de banheiros não devem acreditar nas propagandas escritas nas portas. Com certeza são "brincadeiras" de amigos ou desafetos ou, talvez, uma pequena vingança de ex-namorada frustrada.

Luiz Beltrão foi o pioneiro em pesquisas de folkcomunicação no Brasil

A mídia do povão

Pesquisas em *Folkcomunicação* estudam as criativas formas de expressão da cultura popular

Folkcomunicação é um termo criado por Luiz Beltrão, o pioneiro da pesquisa na área de Comunicação Social no Brasil. Interessado pelas estratégias comunicativas da cultura popular, este pesquisador procurou analisar as formas marginalizadas de expressão, criadas por personagens que precisavam trocar informações mas que não contavam com os meios de comunicação oficiais. Assim, Beltrão identificou um conjunto de procedimentos populares de trocas de informações, idéias e opiniões dos públicos marginalizados e decidiu conceituá-los como "folkcomunicação", pois, em geral, esses mecanismo são intimamente relacionados ao folclore rural ou urbano dessas comunidades.

A folkcomunicação já se consolidou como uma grande área para reflexão acadêmica

Em geral, esse tipo de comunicação é registrado em grafites em muros e portas de banheiros, em placas e faixas artesanais, em pára-choques de caminhões, em cerâmicas e outros tipos de artesanato, em folhetos ou cordéis, ou até mesmo em lápides de túmulos. Na verdade, o suporte não importa muito, pois a criatividade popular não parece ter limites. O interessante é observar que um tipo de comunicação diferenciada pode ser criada e compreendida por todos.

De acordo com pesquisadores das Ciências da Comunicação, a folkcomunicação já se consolidou como uma grande área para reflexão acadêmica, sobretudo porque aquelas manifestações não deixam de provocar muitos impactos na mídia industrializada. Assim, os comunicólogos acreditam que os estudos em comunicação não podem mais ser desenvolvidos sem a percepção de que a cultura de massa veiculada pela mídia tece relações muito fortes com a cultura popular que, por sua vez, não deixa de ser expressa nas infindáveis mídias informais.

Para saber mais, acesse: http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao

issuu-downloader.com

O banheiro virou atelier!

Portas de sanitários de escolas se transformam em painéis de expressões artísticas

Paulo Fernando Borges
3º p-eríodo de Jornalismo

Quando eu tinha 11 anos de idade, toda hora pedia licença à professora para que eu pudesse sair da sala. Naquela época eu não conseguia me controlar e, com muita freqüência, precisava correr ao banheiro. Eu visitava o banheiro pelo menos quatro ou cinco vezes durante o período de aula, que durava das 7h30 as 11h.

Por conta de tantas visitas, o banheiro da escola tornou-se, para mim, um lugar muito familiar; muito mais do que um simples local onde se pode realizar as necessidades fisiológicas. Porém, apesar de o banheiro daquela saudosa escola ser extremamente asseado, faltava algo; faltava cor; faltava vida...

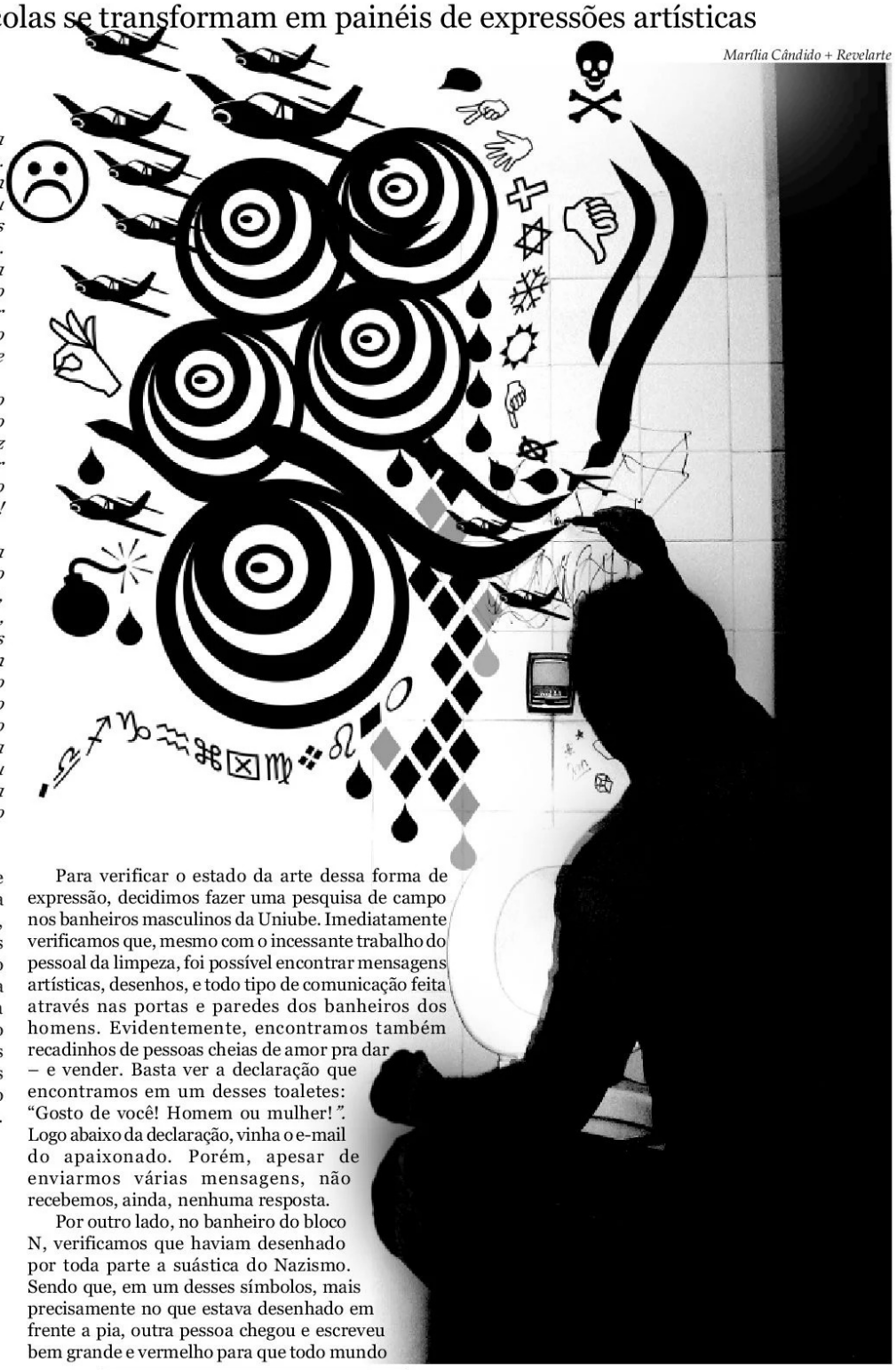
Foi então que resolvi que eu tinha que fazer algo para que aquele espaço ficasse mais alegre. Mas, o quê? Pensei, pensei, pensei... e de repente uma voz muito familiar veio ao meu encontro: 'Alexandre, por que está demorando? Está fazendo arte aí dentro, não é?'. Pronto! É isso! Faltava arte naquele banheiro! Ah! A voz era da minha professora.

Pois bem, resolvi que a partir de então eu iria escrever e desenhar dentro do banheiro. O resultado foi fascinante. Afinal, a arte contagia as pessoas, sejam elas crianças ou adultos. Após algum tempo, outros alunos começaram a escrever perto dos meus escritos ou desenhos. Lembro-me de uma ocasião em que comecei a escrever algo e não terminei, pois não queria que a professora viesse atrás de mim; então quando eu voltei, pude ver que alguém havia colocado um final muito interessante no verso que eu ainda não tinha terminado. Outra vez, um aluno desenhou o Batman ao lado do Super-Homem que eu havia desenhado nos azulejos branquinhos. Percebi que o banheiro virou atelier!

Essa história nos foi contada pelo Auxiliar de Produção, Alexandre Oliveira, 23, mas poderia ser a de qualquer um que já tenha experimentado desenhar, escrever ou rabiscar qualquer coisa interessante nos banheiros. Mas você deve estar pensando: banheiro não é lugar para essas coisas! Mas saiba que, para muitas pessoas, o aspecto mágico da arte e da comunicação é que elas não têm lugar pré-definido para acontecer. E saiba também que, para muitos pesquisadores sérios, a comunicação feita através dos banheiros é, sim, um movimento artístico que, quando feito sem vulgaridade, deve ser apreciado e valorizado.

Lembro-me de uma ocasião em que comecei a escrever algo e não terminei; então, quando eu voltei, pude ver que alguém havia colocado um final muito interessante no verso que eu ainda não tinha terminado.

Marília Cândido + Revelarte



Para verificar o estado da arte dessa forma de expressão, decidimos fazer uma pesquisa de campo nos banheiros masculinos da Uniube. Imediatamente verificamos que, mesmo com o incessante trabalho do pessoal da limpeza, foi possível encontrar mensagens artísticas, desenhos, e todo tipo de comunicação feita através nas portas e paredes dos banheiros dos homens. Evidentemente, encontramos também recadinhos de pessoas cheias de amor pra dar – e vender. Basta ver a declaração que encontramos em um desses toaletes: "Gosto de você! Homem ou mulher!". Logo abaixo da declaração, vinha o e-mail do apaixonado. Porém, apesar de enviarmos várias mensagens, não recebemos, ainda, nenhuma resposta.

Por outro lado, no banheiro do bloco N, verificamos que haviam desenhado por toda parte a suástica do Nazismo. Sendo que, em um desses símbolos, mais precisamente no que estava desenhado em frente a pia, outra pessoa chegou e escreveu bem grande e vermelho para que todo mundo

issuu-downloader.com

pudesse ler: *"Idiotas!"*. Ora, houve, então, uma troca de idéias, uma comunicação entre aquele que colocou o símbolo e aquele que o criticou.

Wilton Barbosa, 24, estudante de Biomedicina, conta que também existem muitas mensagens vulgares nos banheiros da cidade. "O que mais se vê são mensagens pornográficas", declara Barbosa. "Mas, também tem muita piada e coisa engraçada." Já Leandro Alves, estudante de Publicidade, diz que vê muitos telefones para ligar, mas nunca teve a curiosidade de fazer. Ele observa que a maioria das mensagens é perda de tempo. "Tipo aquela que você vai lendo, lendo, lendo e no final diz assim: quem está lendo isso é um babaca".

Um aluno observa que a maioria das mensagens é perda de tempo. "Tipo aquela que você vai lendo, lendo, lendo e no final diz assim: quem está lendo isso é um babaca".

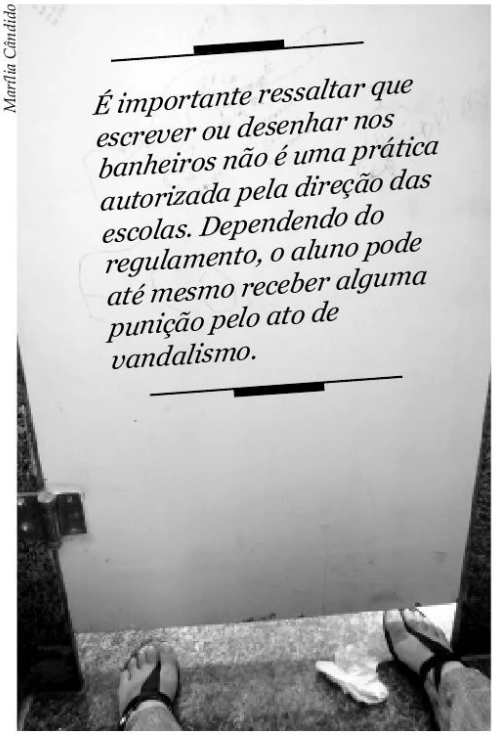
Apesar de uns acharem interessante, engraçado e outros considerarem tudo isso como arte, há quem discorde. Odete Cristina, estudante de Jornalismo diz que o ato de escrever ou desenhar em banheiros é uma forma de vandalismo, geralmente praticado por pessoas fúteis. Mesmo assim ela acredita que é uma forma desses "vândalos" exporem suas idéias e opiniões mais íntimas, as quais não teriam coragem de expressar abertamente, já que no banheiro não existe a necessidade da assinatura daquilo que se fez.

Gustavo Barbosa, em seu livro *Grafitos de Banheiro*: a literatura proibida (Editora Anima, 1986), diz que a produção de grafitos nos banheiros serve à comunicação humana como um canal de expressão escrita disponível a todos, ou um meio alternativo ao monopólio dos superveículos massificadores. Sem limite de censura externa e acessível a todos, torna-se um palco discreto de confidências.

Contudo, foi possível notar algo muito interessante nos banheiros masculinos: são bem menos rabiscados do que imaginávamos e bem menos do que os banheiros do sexo oposto. E quando encontramos algo, ficou evidente que os "meninos" preferem muito mais escrever nos banheiros para se divertir e expressar idéias do que para atacar e ofender uns aos outros. Mesmo assim, as mensagens de cunho sexual são predominantes.

Mas é importante ressaltar que escrever ou desenhar nos banheiros não é uma prática autorizada pela direção das escolas. Dependendo do regulamento, o aluno pode até mesmo receber alguma punição pelo ato de vandalismo. Para aqueles que gostam de escrever suas idéias, um blog é sempre mais recomendável. Até porque os recados de banheiro não duram muito e, além disso, sua mensagem será sempre associada a um ambiente pouco propício para a contemplação estética...

Marília Cândido



A diva das lendas de banheiro

Variações da lenda da Mulher do Algodão assombram e divertem pirralhos em milhares de banheiros de escolas do país

Jaqueline Barbosa
3º período de Jornalismo

Entre no banheiro e apague a luz três vezes. Em seguida, gire três vezes. Acione a descarga outras três e fixe seus olhos no espelho. Bata palmas mais três vezes. Pronto, em alguns segundos, você estará cara a cara com a diva das lendas da nossa infância: a Mulher do Algodão (também conhecida como Maria Algodão ou Loira do Banheiro).

Se você nunca fez isso, pode ter certeza que alguém que você conhece já fez. A origem da história é muito confusa, com várias versões que podem variar de região para região, ou mesmo de escola para escola: alguns dizem que o caso surgiu de uma menina vaidosa de um colégio do interior que morreu ao escorregar e bater a cabeça no chão do banheiro; outros garantem que a Maria Algodão foi uma menina apaixonada pelo professor que se suicidou no banheiro; outros acreditam que ela foi uma estudante esquartejada por um psicopata que, num ritual macabro, jogou seus restos na privada... a imaginação vai longe...

Algumas crianças juram já ter visto a tal mulher. Outros moleques mais atrevidos até mesmo a descrevem: loira, horrorosa e com algodão nas narinas para estancar o sangue. A história é tema de reportagens em jornais desde, pelo menos, a década de setenta. O *Diário de Pernambuco*, por exemplo, publicou a seguinte notícia em agosto de 1978: "Fantasma de uma mulher loura provoca correria e desmaios entre estudantes"

Reprodução

Murta que geme, personagem da série Harry Potter, é uma das variações da lenda de fantasmas femininos em banheiros escolares

O interessante que a lenda não é conhecida apenas aqui no Brasil. Nos EUA, quem assusta os pirralhos é a famosa "Bloody Mary" que se assemelha a "Maria Algodão". Em um dos filmes da série *Harry Potter* aparece outra versão dessa personagem: trata-se da Murta que Geme, uma garota fantasma que vive no banheiro feminino da escola de Magia e Bruxaria de Hogearts.

Uma das mais populares versões que deram início à lenda no Brasil conta que, na década de 1960, durante um trote dos calouros em uma universidade, um grupo de estudante resolveu pregar uma peça em um dos calouros colocando uma colega loira fantasiada com aparência fantasmagórica no box do banheiro. Só que a brincadeira tomou outro rumo e o estudante morreu na mesma hora: ele tinha problemas cardíacos.

Verdade ou não, isso não importa. O fato é que a loira do banheiro caminhou de boca em boca e se tornou uma lenda muito famosa da vida estudantil. Hoje em dia, todo colégio que se preze tem que ter – e provavelmente terá por muitos anos – a sua própria Loira do Algodão, assombrando e divertindo os alunos endiabrados que a invocam nos sanitários...

issuu-downloader.com

Pesadelo americano

Estudante uberabense atravessa fronteira dos EUA ilegalmente e fica um mês na cadeia

Bruno Eduardo do Nascimento queria ir a New Jersey para reencontrar a mãe e a irmã que moram nos EUA desde 2004

Marília Cândido
3º período de Jornalismo

Não havia nada planejado. Ele até tentara entrar nos Estados Unidos uma vez, com a desculpa de ir à Disney, mas seu visto foi cancelado na hora do embarque, sem maiores explicações. Depois da tentativa frustrada, Bruno Eduardo Leite do Nascimento voltou pra casa e começou a estudar Publicidade e Propaganda na Uniube, com o dinheiro que a mãe mandava de New Jersey todo mês. O sonho de começar uma vida nova, reencontrar a mãe e a irmã, que foram para os EUA em 2004 com visto de turista e por lá ficaram, parecia distante depois disso. Mas ele não iria desistir tão fácil.

Dia 19 de junho de 2006, segunda-feira, a mãe de Bruno ligou: "Vai sair um grupo na quarta-feira, você quer vir?" Como já havia percebido que pelas vias legais não iria conseguir, o rapaz não pensou duas vezes: aceitou o convite para atravessar a fronteira. Em pouco tempo arrumou as malas e se despediu dos amigos e parentes. E quarta feira, às 7h30, já estava na rodoviária esperando o ônibus para Patos de Minas, onde se uniria a mais quatro pessoas.

Em Patos, ele seguiu para a agência de turismo que negociava viagens ilegais para os Estados Unidos via México. De lá, foi levado pelo dono da agência, que aqui chamaremos de Washington, para o Center Patos Hotel, onde conheceu Zé Geraldo; o Tico, de 21 anos; Edson, o Teco, de 43; Alessandra, de 25; e Fabiana de 17. Bruno tinha 19 anos. À noite o grupo comemorou a união e passaram pela primeira dificuldade juntos: A ressaca provocada pela garrafa de Montilla que Bruno havia levado escondido para o Hotel. Por causa da dor de cabeça a turma nem conseguiu saborear a imensa mesa de café da manhã do Hotel.

No caminho para São Paulo, Washington passou o roteiro da viagem. "Ele te conta tudo que vai acontecer... teoricamente. Porque na prática ele não sabe p*# nenhuma", afirma Bruno, relembrando as instruções sobre os cuidados sugeridos e as senhas para identificar os coiotes que faziam parte do bando. O coiote brasileiro ainda repassou U$ 3.800 para cada um. "Esse aqui é o dinheiro que vocês vão entregar pro cara que vai bater na porta do seu apartamento lá na Guatemala.. Você vai chegar no aeroporto da Guatemala, vai passar pela imigração. A polícia vai tentar roubar seu dinheiro. Fica ligado com isso!" Além do dinheiro entregue por Washington, ele não havia levado mais nenhum centavo. O pagamento pela viagem só seria feito nos Estados Unidos, depois que ele fosse entregue para a mãe, que deveria pagar 11 mil dólares à vista e mais 3 mil depois. Se o pagamento não fosse feito os coiotes o denunciariam.

O pagamento pela viagem só seria feito nos Estados Unidos, depois que ele fosse entregue para a mãe. Se o pagamento não fosse feito os coiotes o denunciariam.

No dia 23, às 3h30, partiram de SP para Guatemala. Nove horas depois, chegaram a capital, Cidade da Guatemala. No aeroporto, Bruno foi o único barrado pelos agentes da imigração. Levaram-no pra uma sala de onde ele podia assistir os colegas passarem tranqüilos pela alfândega, enquanto o oficial fazia ligações. *"É do Pancho?"* Perguntava o oficial pelo telefone. Depois da confirmação ele foi liberado. "Pancho era o 'ban ban ban' do México, que era o dono da máfia", explica Bruno.

issuu-downloader.com

Na saída do aeroporto, aconteceu o que Whashington disse. Um policial parou o grupo e perguntou se havia alguém esperando por eles. Bruno fingiu que não entendia espanhol, mas não adiantou: todos foram levados a uma sala onde tiveram as malas revistadas. Depois, Bruno foi levado sozinho para outra sala. Lá o policial passava a mão na barriga dele e fazia sinal de dinheiro (os imigrantes que passavam por ali costumavam levar dinheiro em pochetes), mas ele havia levado os dólares de Washigton na meia.

Depois de ser perguntado insistentemente por "la plata", Bruno achou que a saída era falar mais alto que o policial, e gritou: "Que, que é meu irmão? Você tá doido?" e como xingamento se entende em qualquer língua, o policial liberou ele e os outros homens em seguida. Mas as mulheres só foram liberadas 20 minutos mais tarde.

Passada a confusão, encontraram o homem que deveria estar esperando por eles na saída do aeroporto com uma placa escrita "TIKAL", ponto turístico da Guatemala, como fora combinado. Ele os levara para o Hotel Del viajante.

Big brother

A essa altura o grupo já se conhecia bastante. "Já éramos todos amigos, brincávamos muito, dentro do quarto saíam até guerra de travesseiros." A convivência 24 horas por dia , com poucos contatos externos, os fez conhecer a história, os medos e os planos de cada um. "Parecia a casa do *Big Brother*", diz Bruno.

O hotel Del Viajante era só a primeira parada, a situação ainda não era tão crítica. Mas desse ponto em diante, a cada cidade por onde passavam, o espaço ía diminuindo, os quartos eram menores, não havia cama para todos, a comida era escassa e ruim e os banheiros eram cada vez piores, fazendo-os conhecer até o cheiro de cada um.

Bruno fez amizades com todos, mas se aproximou mais de Fabiana. Eles tinham idades próximas, os mesmos assuntos e íam pra mesma cidade. Conforme escreveu em seu diário: "Curti muito o estilo dela, lindinha, carinhosa, atenciosa, tem mais a minha mentalidade, enfim tudo que me atrai, jeitinho, cabelo liso, consistência da pele ." Resumindo, ela era quase perfeita e só tinha um defeito: o namorado. Ela estava indo pra New Jersey morar com ele...

Os U$ 3.800 foram usados para pagar as despesas até este ponto.

Pior que treinamento do exército

Da Cidade da Guatemala seguiram para Santa Helena, região do Petén, ao norte do país. Lá, mais três brasileiros se juntaram ao grupo: Jane,18 anos; Daiane, de 20; e Marquinho,35. Este último já morava nos Estados Unidos há 7 anos, era dono de uma construtora e tinha uma situação financeira estável. Só voltou ao Brasil para ir ao enterro do irmão, que se matara.

A parada em Santa Helena foi rápida. A partir deste ponto, uma maratona com todos os tipos de obstáculos se iniciou. Era a travessia para o México. Os brasileiros passaram por uma serra, debaixo de chuva em um ônibus ruim, descansaram em uma casa sem móveis onde fizeram uma comida meia boca e forraram o chão com palhas trançadas para deitar.

De lá, viajaram na carroceria de uma camionete por cinco horas, passaram por vários atalhos e atravessaram um rio de canoa. Pegaram outra

No dia 23, às 3h30, partiram de São Paulo para a Guatemala. Nove horas depois, chegaram na capital, Cidade da Guatemala. No aeroporto, Bruno foi o único barrado pelos agentes da imigração.

camionete e mais atalhos, até pararem no meio da mata, onde fizeram uma fogueira para espantar os mosquitos e outros animais. Neste local permaneceram das 4h30 da manhã até às 10h30 à espera dos outros coiotes que trariam cavalos.

Finalmente, chegaram os coiotes. Mas eles só trouxeram 4 cavalos. As damas foram montadas com as malas e os cavalheiros tiveram que andar 25 km, atravessar três rios, passar pelo mato e por pântanos, durante cinco horas, debaixo de um sol abrasador, para chegar ao México.

Nessa travessia os viajantes tiveram uma espécie de *Deja Vu* "coletivo". A cada hora um dizia ter a sensação de já ter estado naquele lugar antes. E quando o coiote avisou que estavam bem na divisa do México com a Guatemala, Bruno diz que teve a sensação de estar olhando para uma foto de um lugar conhecido.

Já no México, foram para uma casa onde puderam descansar por algumas horas. Estavam todos exaustos, sem comer e sem dormir direito. Bruno deitou na rede e apagou. Segundo o que seus amigos lhe disseram,

Marília Cândido

O estudante uberabense está proibido de pisar em solo americano por cinco anos

ele se levantou e começou a falar sozinho, pegou umas botas de plástico e começou a bater uma dentro da outra dizendo coisas: "Nossa , velho, me tira dessa onda. Pelo amor de Deus , faz eu sair disso aqui. Ah, essa viagem não acaba." Ao acordar, ele não se lembrava de nada , mas estava chorando sem saber o porquê.

A essa altura, Fabiana já havia deixado de lado o principal motivo de sua viagem e Bruno chegou a pensar que os dois poderiam até mesmo ficar juntos depois que chegassem ao destino.

Depois de passar por outra casa , foram para Candelária , onde ficaram por três dias antes de serem levados em um caminhão de carga para uma mata onde encontraram mais um punhado de pessoas: vinte e dois brasileiros e três hondurenhos à espera de uma caminhão baú que deveria levá-los a próxima parada.

O clima era tenso no local. O coiote havia acabado de matar uma cascavel de um metro em meio. Mas os hondurenhos se encarregaram de "amenizar os ânimos" com a maconha que trouxeram. Estavam todos conversando quando uma camionete escoltada por dois carros pretos apareceu na rodovia. Todos se assustaram. O coiote dizia: "Quieta, quieta". E depois de conferir quem era, chamou "Los ocho de Marco" se referindo ao grupo de Bruno. Eram apenas os coiotes que vieram levá-los a Ciudad de Carmen, onde ficaram por 4 dias em uma estadia diferenciada. Lá eles tomaram cerveja, soverte e comeram pizza, até pegarem um avião para Monterrey. Esse trajeto deveria ser feito em um caminhão baú junto com os que ficaram na mata. Mas graças a influência de Marquinho, pois ele também organizava viagens ilegais, o grupo inteiro conseguiu ir de avião.

Em Monterrey o grupo se separou. Marquinho, Jane e Daine foram para Reynosa mais cedo, o restante esperou algumas horas para ir a mesma cidade. Lá eles atravessariam para os Estados Unidos .

Era como se tudo já tivesse acabado. Eles estavam confiantes e o coiote havia avisado que a travessia seria tranqüila. Começaram a se preparar, se desfizeram das malas e vestiram tudo que dava pra carregar . Bruno vestiu, três cuecas; uma amarela; uma verde e a outra azul (todas escritas Brasil), dois pares de meia , uma camisa cavada do colégio Frei Eugênio, onde estudou, uma blusa de gola alta, calça social, sapatos, gorro, pochete, tudo na cor preta e um par de chinelos havaianas encaixados nas mãos. Agora era ir...

A Travessia

Já estava tudo pronto para cruzar a fronteira. Esperaram por uma van para levá-los ao rio em outra casinha, mas eles não sabiam que teriam companhia. A van chegou cheia de mexicanos que também atravessariam naquela noite. "Fomos todos apertados até o rio, pulamos uma cerca e eu sempre estava por último para ajudar os demais. Entramos em um bote, ajudei a remar até a outra margem; estávamos na margem americana do Rio Grande."

Já em Mcllem, Texas, eles correram por um campo, atravessaram uma ponte que só cabia uma pessoa por vez. Andaram bastante depois disso, até que os coiotes começaram a correr dizendo "polícia, policia". Todos começaram a correr de volta para o rio, mas ficaram entalados na ponte. O policial foi se aproximando... "Me lembro que eu olhava pra trás e só via a lanterninha dele chagando perto. Nessas horas você não consegue raciocinar muito bem, não tem pra onde correr, não conhece nada."

issuu-downloader.com

Conseguiram atravessar a ponte. Bruno correu puxou primeiro Alessandra e depois Fabiana, para ajudá-las a correr. E quando olhou para trás viu o policial derrubando Alessandra e apontando uma arma para ele. O estudante uberabense levantou os braços e se rendeu. O policial o algemou junto a Fabiana e trouxe Alessandra para perto deles. Os três ficaram sentados enquanto o policial esperava reforço. Chegaram os oficias do exército com fuzis para tentar capturar os outros. Mas o restante conseguiu atravessar o rio de volta para o México.

Os três foram levados para o *check point* (um local situado geralmente na fronteira entre dois países, no qual as pessoas que passam de um lado para o outro têm que mostrar os documentos). Os policiais colocaram Alessandra na cela para mulheres , Fabiana na cela para menores e Bruno na de homens. Mais tarde o chamaram para ser intérprete de Fabiana. Ela ainda tinha chance de ser mandada para um orfanato e conseguir ficar nos Estados Unidos. Após assinar papéis, tirar as digitais e fazer alguns exames, ele viu Fabiana pela última vez. Ele e Alessandra foram para a prisão de Pearsall,mas antes ainda passariam por duas outras.

A prisão

Em Pearsall, os dormitórios tinha 32 beliches. Para lá eram levados os imigrantes pegos na fronteira . Eles eram de vários paises: Honduras, Guatemala, El Salvador, Argentina, Nicarágua, Chile, Republica Dominicana, México, Brasil e até de países africanos.

No dia 10 de julho um oficial chamou os quatro brasileiros da cela e os mandou arrumar as coisas. Eles estavam indo embora. Não para o Brasil, mas para a Central Texas Detention Facility (CTDF), uma prisão em San Antonio.

Quando chegou à prisão de San Antonio, Bruno se assustou. Aquela era diferente das outras prisões pelas quais ele havia passado. Além dos presos por imigração ilegal, também havia presos por latrocínio, tráfico e assassinato. Os mais perigosos ficavam em outras celas. Na que Bruno ficou, só havia os encarcerados pelo mesmo motivo que ele, ou imigrantes legais que haviam cometido crimes nos Estados Unidos. "Cuba", o preso mais antigo da cela, por exemplo, foi preso por latrocínio há 11 anos, perdeu a permissão para permanecer no país e deveria ser deportado. Entretanto temia-se que se ele pisasse em solo cubano fosse assassinado. Então, a solução era deixá-lo mofando lá pro resto da vida.

As regras da CTDF foram passadas por meio do "Manual de Recluso", escrito em espanhol (idioma predominante no local), que continha desde os direitos e responsabilidades dos detentos, regras de visitação e informações sobre como fazer ligações locais e internacionais. Já as regras especificas da cela foram passadas pelos outros detentos assim que ele chegou: "Você urinou, mesmo que não pingou, você tem que limpar aqui com papel higiênico e dar descarga. Acabou o papel higiênico na sua vez, você troca."

O banheiro ficava a vista de todos, o que constrangia alguns. Luciano, por exemplo, brasileiro que chegou à cadeia no mesmo dia que Bruno, passou maus bocados por isso e teve que tomar remédio para conseguir usar o banheiro. Ele, Bruno e Ronaldo, outro brasileiro que havia chegado um mês e meio antes, acabaram se tornado amigos.

Todos os dias Bruno acordava as 7h30 com o barulho do carrinho que trazia o café da manhã.

"O que mais me dava agonia era não saber quando iria embora. A esperança de todos aqui eram as madrugadas de terça para quarta, às 4h, que era quando saíam os brasileiros"

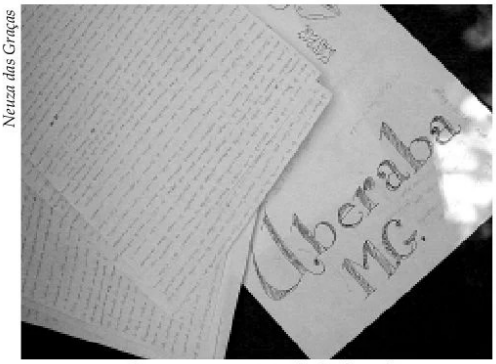
Depois deitava e dormia até à hora do almoço. Na parte da tarde ouvia histórias, via TV, lia os livros que os colegas estavam lendo, leu até a Bíblia em espanhol, coisa que nunca tinha feito nem em português. Na hora do "recreio" ficava isolado, raramente ía jogar nas quadras. Também escrevia muito, pensava na mãe, no Brasil e em Fabiana. Ele tinha esperança de que ela também fosse deportada e os dois se reencontrassem.

Uma vez, um dos presos comprou uma máquina de cortar cabelo e, assim, fizeram um moicano nele. Depois, a máquina desapareceu. Passado alguns dias, voltou em forma de aparelho de tatuar. Os "Federais", prisioneiros americanos que cometeram crimes mais graves, da outra cela, haviam feito uma gambiarra com a maquina. E a cobaia foi Ronaldo. Rabiscaram um papel com lápis, torraram no microondas, misturaram as cinzas com shampoo neutro para fazer o pigmento e passaram desodorante nas costas do brasileiro, para escrever o nome da mãe dele.

A mãe de Bruno não podia vista-lo, pois ela era ilegal e corria o risco de ser presa também. Ela contratou uma advogada que foi até lá saber se Bruno queria entrar com um processo para tentar ficar no Estados Unidos. Ele não quis. "Muito obrigado, mas não vou aceitar a advogada. Eles falam que só dura um mês e meio o processo, mas tem brasileiros que estão aqui a mais de nove meses", respondeu em carta.

O dinheiro que ela mandou por intermédio da advogada serviu para fazer a *commissária*, compra que os presos têm o direito de fazer uma vez por semana na loja da cadeia, onde, entre outras coisas, eles encontram alimentos, roupa, cartão telefônico,

Bruno saiu da prisão e foi deportado depois de um mês atrás das grades. Quando pisou em solo brasileiro, fez questão de beijar o chão.



Neuza das Graças

Bruno escrevia cartas, poemas e fazia desenhos na prisão para passar o tempo

papel e lápis. Com os U$200 ele comprou vários pacotes de macarrão instantâneo, pois a comida que era servida todos os dias era pouca e ruim. Antes disso, ele e Luciano limpavam a cela em troca de um pacote para os dois.

O tempo em San Antonio não passava. Ele ficava pensando na vida, no porque de ele estar ali, nas coisas que havia feito antes e no que queria fazer depois que saísse: "Sua mente fica a um milhão, você pensa em um punhado de coisas e, no fim, parece que nada tem sentido. Te dá uma revolta." Ele também pensava que se não tivesse ajudado Fabiana a atravessar, ele não estaria preso.

"O que mais me dá agonia é não saber quando vou embora. A esperança de todos aqui são as madrugadas de terça pra quarta, às 4h. Que é quando saem os brasileiros", escreveu em uma carta para a mãe. Na madrugada do dia 7 de agosto um oficial chamou Luciano para ir embora . Ele acordou Bruno, que demorou a acreditar no que ouviu. Geralmente se chama um grupo de pessoas do mesmo país para serem deportadas. Mas o nome de Bruno não estava na lista. Ele voltou para a cama e não conseguiu dormir, se desesperou ao pensar que a próxima remessa de brasileiros poderia demorar mais um mês para sair. Havia um mês e dois dias que estava preso.

Pela manhã, tomou café normalmente, às 9h. De repente, o oficial voltou e, para sua surpresa, mandou que ele e Ronaldo arrumassem as malas. Finalmente eles iriam para casa. Os dois foram levados para Dallas, de onde embarcaram para São Paulo. No aeroporto de Guarulhos ele ligou para Washington ir buscá-lo. Não foi preciso esperar muito, pois ele já estava lá para pegar a Alessandra, que havia sido deportada no mesmo dia, e a Jane, que conseguiu atravessar, mas foi pega três dias depois.

Após três meses presa, Fabiana conseguiu permissão para ficar e foi morar em New Jersey como havia planejado. Bruno voltou para Uberaba e para seu curso de Publicidade. Sua mãe se casou com um americano e vai tentar conseguir o *green card*. O que não vai adiantar muito para ele, pois está proibido de pisar em solo americano por cinco anos. E quando pergunto se quer voltar, ele responde ironicamente que ainda tem muitos lugares no mundo pra conhecer. Ao contrário dele, Alessandra não desanimou: esses dias ela ligou pra ele da Carolina do Sul e aproveitou para contar a nova rota que estão usando para chegar ilegalmente aos Estados Unidos...

issuu-downloader.com

A CINDERELA DA FAVELA

Montagem sobre foto de Pedro Moreira (reprodução)

Janaina Nascimento
Carlos Júnior
1º período de Publicidade e Propaganda

A Cinderela era o nome da menina mais firmeza da favela de Araraquara. A guria perdeu seu coroa com apenas oito anos de idade. Só que, de herança, o coroa dexô uma madrasta filha da mãe com F maiúsculo e duas meia-irmã que não ficava pra trás não. E coitada da Cinderela da Favela, era tão sonsa, tinha um coração mole e a cachola oca.

A pobre coitada era feita de escrava na casa que morava, trabalhava noite e dia e nunca se divertia quando a noite caia. Só as baranga da meia-irmã que podia ir nos churrasco na lage do Jorgim, depois iam pro baile do rebenta carcinha.

Certo dia, rolou um baile cabeção, que o Jorgim tava organizando lá na associação dos moradores. A mina tava toda assanhada, porque o Jorgim tava atrás de uma gata de responsa. Esse vuco-vuco chegou nos ouvido da Cinderela da Favela e ela ficou ouriçada pra ir no baile. As baranga das meia-irmã da Cinderela fôrum também tentá a sorte e a sonsa ficou pra trás, como sempre.

Quando o funk tava rolando nas arta, a Cinderela chegou botânu banca. Ela tava uma mulher muito linda purpurinada, vestia um top e uma minissaia que a sua madrinha gente boa tinha ageitado prela. Ia de a pé mesmo, mas quando viu o Cleber com seu carango gritou por uma carona na hora.

Só que quando ela menos esperava, viu que as enjoadas da suas parentes tavam indo embora. Mais que depressa, deu umas beiçadas no Jorgim e se despediu, pois se as baranga chegasse primeiro era só quebra-pau.

O som tava maneiro pacas!!! Foi nessa hora que o Jorgim, que não era bobo nem nada, chamou a Cinderela da Favela pra dar uma remechida nas cadera. Ela, mais que depressa, aceitô e fôro os dois pra pista pra quebrá tudo.

Só que quando ela menos esperava, viu que as enjoadas da suas parentes tavam indo embora. Mais que depressa deu umas beiçadas no Jorgim e se despediu, pois se as barangas chegasse primeiro era só quebra-pau.

Só que na correria que a potranca saiu, perdeu um tamanco de acrílico bordado de pedrinha de um tal verovisqui por cima. A pobre teve tanta sorte que correndo entre os becos da favela chegou antes das feiosas no barraco.

No outro dia, como toda fofoca corre sorta, o comentário era que o Jorgim tava na fissura atrás de uma garota que tinha perdido um tamanco que brilhava demais. Só que o tamanco tinha que servir direitinho no pé da tchutchuca que se dissesse dona dele.

Depois de muito percura o Jorgim foi na casa da Cinderela da Favela e ela tava lavando umas 429 peças de roupa. De repente ela viu o Jorgim chega, aí caiu da trouxa que ela segurava nas mãos um tamanco brilhoso.

Foi aí que ele pediu pra ela experimentá o tamaco que ele tinha trazido. Não deu outra, serviu no pé da danada mesmo. E não passou um mês pra que a Cinderela da Favela ficasse conhecida porque ficou grávida e virou a mina do Jorgim de Araraquara.

E esse final não é como esses conto de fada não. A ciderela levou um pé na bunda do safado do Jorgim. Mas não ficou sozinha não, gente. Foi morar com o Cleber da feira, que assumiu a cria dela e os dois foram felizes por muito tempo.

issuu-downloader.com

Johny Daniel / Danilo Fernandes

issuu-downloader.com